

**Tradição, memória e poder:  
Sairé, manifestação cultural reiventada – 1974 a 1996 –<sup>1</sup>**

CLÁUDIA LAURIDO FIGUEIRA<sup>2</sup>  
Lauridofigueira.claudia48@gmail.com

## **1. Introdução**

O Sairé é uma manifestação cultural que ocorre em Alter do Chão, vila localizada no município de Santarém, Estado do Pará. Proibido pela Igreja Católica na década de 40, foi reorganizado por moradores em 1973. O Sairé é representado por personagens que teatralizam a tradição na procissão, na ladainha, nos mastros e nas danças folclóricas. Em 1996, o poder público propôs mudanças na festa quando incluiu o Festival dos Botos, instigando conflitos na comunidade.

Para entender o ritual do Sairé, fez-se necessário ouvir os moradores que participaram da reorganização do Sairé em 1973, como também dos coordenadores da comissão organizadora, das agremiações dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa<sup>3</sup>.

Nesse sentido, a análise das lembranças dos moradores, dos recortes de jornais e observações possibilitou uma compreensão da história como uma teia de relações em que se estabelecem alianças e conflitos, visto que, o Sairé agrega diversos grupos sociais e instituições que o dinamizam de acordo com seus interesses.

## **2. Memória, poder e tradição.**

Entender as mudanças e as permanências no Sairé pressupõe articular as lembranças dos moradores que reorganizaram o ritual na década de 70, para perceber, através de suas memórias, como estes se articularam para forjar uma prática cultural que há 30 anos foi proibida pela igreja.

---

<sup>1</sup> Agradeço o Professor Doutor Ipojuca Dias Campos pela orientação e contribuição no debate nesse trabalho.

<sup>2</sup> Professora de História do Ensino Médio da Escola José de Alencar, graduada em História e Especialista em Ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira.

<sup>3</sup> As agremiações, Boto Tucuxi e Boto Cor de Rosa são grupos folclóricos que se apresentam no Sairé desde 1996. Cada uma apresenta, dentre os personagens, o boto - animal típico desta região – enfatizando sua lenda.

Sabe-se que a memória é seletiva. É uma propriedade individual e coletiva e se torna referência, pois nela estão presentes fragmentos transmitidos pelos antepassados às gerações futuras. Desse modo, para entender o significado do Sairé, foi necessário traçar o itinerário sobre as lembranças dos comunitários da vila de Alter do Chão, essas lembranças se constituem em memória coletiva que legitimam a história dos moradores da vila que buscaram no Sairé uma referência para reafirmarem sua identidade. Segundo Hall, três coisas constituem o princípio espiritual de unidade: "[...] a posse em comum de um rico legado de memórias [...] o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar a herança que se recebeu." (HALL, 2005: 58).

A lembrança do ritual do Sairé constitui-se no “legado de memórias” que os moradores da vila desejaram reviver como “herança” recebida dos antepassados. O repasse desse legado fez-se num processo de envolvimento da família no ritual religioso através da ladainha, assim, a tradição oral é marca da história dos moradores como expressa o entrevistado:

Meu pai e a minha mãe eram envolvidos nessa festa e eu fui aprendendo, principalmente a parte religiosa do Sairé, com isso eu aprendi a ladainha. Eu aprendi com meu pai e minha mãe, porque eles já tinham aprendido há muitos anos com os pais deles e foram passando. Eu aprendi com eles e passei pra minha filha.<sup>4</sup>

A proibição do Sairé pelos padres franciscanos, na década de 40, também é uma lembrança que ficou na memória dos moradores de Alter do Chão. É um fato recorrente nas entrevistas como pode ser percebido no discurso abaixo: “O Sairé morreu 45 anos. O padre viu que já estava muito avançado o Sairé. Ele não consentiu e o pessoal deixavam levar por tudo que o padre dizia. Naquela época eram os padres americanos, lá de Belterra que atuavam aqui.”<sup>5</sup>

Corroborando com esse discurso sobre a chegada dos padres americanos em Santarém, SOUSA (1997:32) destaca os nomes de frades norte-americanos, Junípero Freitag, Taddeus Prost, Severino Nelles e Conletho Ryan, os quais foram residir em Belterra e Fordlândia. Na compreensão dos moradores de Alter do Chão, os padres proibiram o Sairé porque os comunitários acreditavam que o Sairé era santo, como

---

<sup>4</sup> Informação fornecida por Luis Alberto Garcia de Jesus, em Caranazal, em dezembro de 2006.

<sup>5</sup> Informação fornecida por Lusia dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

destaca o entrevistado, “[...] a Igreja Católica não permitiu, porque já estava virando uma religião e o pessoal estava vindo de outras comunidades para participar do Sairé e não da festa da Padroeira”.<sup>6</sup> Pode-se pensar que a Igreja não se fazia presente regularmente na comunidade, rara era a atuação do pároco na vila, sendo mais comum na festa da padroeira, como informa a entrevistada: “[...] naquele tempo era difícil a missa, se não era na época da festa [...]”.<sup>7</sup> Essa ausência da igreja, de certo modo, permitiu que comunidade agregasse o Sairé as comemorações dos santos católicos.

Assim, após 30 anos de proibição do Sairé, alguns moradores sentiram a necessidade de reorganizá-lo, por isso apostaram nas lembranças dos antigos, é expressivo o discurso da entrevistada sobre essa questão: “Quando Santarém começou a se movimentar, vamos buscar nossa cultura pra mostrar como era. Então, partimos para as reuniões. A Tetéia saiu na frente e levantamos o Sairé.”<sup>8</sup>

Corroborando com esse momento, outra entrevista completa a imagem remorada desse momento significativo para a comunidade:

No primeiro ano do Sairé, em 1973, reuniram uns senhores pra fazer algum ganho e reuniu todo mundo. Então, em janeiro, fizeram reunião com a comunidade, fizeram uns bilhetinhos, aí eu tirei pra ser juíza e meu primo pra ser o juiz da festa. Agora vamos fazer a festa baseado como era. Aí, saímos de tarde, aquela turma, ia fazer pesquisa com uns velhos, uns contavam, outros não contavam, uns gostavam, outros não gostavam e nós pegamos alguma coisa como mais ou menos deveria ser. A gente via a casa de um senhor que guardava dois sairés, um de ferro e um feito de algodão como era [...]<sup>9</sup>

As entrevistas são significativas porque demonstram a mobilização da comunidade no intuito de trazer de volta o rito proibido pela Igreja. A reelaboração do passado veio da necessidade de forjar algo que possibilitasse algum “ganho” econômico, pois não era suficiente a economia baseada na pesca, na roça e na seringa. Assim, rememorar o ritual exigiu da comunidade um trabalho coletivo na busca de informações sobre Sairé. Isso possibilitou o contato com o símbolo do sairé guardado por um morador em sua residência. O contato com o objeto instigou a memória dos

---

<sup>6</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>7</sup> Informação fornecida por Lusía dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

<sup>8</sup> Idem

<sup>9</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

comunitários como expressa a entrevistada: “[...] e aquilo a gente já se lembrava alguma coisa como era, como faziam a procissão, a gente tem essa idade, mas já via alguma coisa [...]”<sup>10</sup>. O objeto instiga o ato de lembrar, assim como o lugar onde o Sairé acontecia. É destaque nas entrevistas a lembrança do barracão, da ladainha, da procissão, dos mastros, das bandeiras, da praia e da praça como o local de festa, de venda, da comilança, como lembra a comunitária:

Lá, onde é o posto médico, era a praça do barracão [...] era lá que era feita a festa, rezavam na igreja, levavam pra lá o Sairé. Era mais que fazia na praça, fazia fogueira, dançavam pássaro, dançava boi, fazia tudo. Comia, bebia, era assim que a gente queria fazer, só que não deu mais certo, porque tinha que melhorar um pouco, a vila estava maior. Aí mandaram pra ser aqui, mas tudo combinado, as famílias faziam as barraquinhas, tudo igual, tudo bonitinho, a melhor sempre ganhava prêmio e davam seus filhos para dançarem enquanto os pais ficavam vendendo nas barracas [...]<sup>11</sup>

A vontade de trazer a “cultura como era” para fazer a “festa como era”, relacionando-a com a idéia de “preservar a cultura” não foi possível. Assim, comunitários apresentaram o Sairé como tradição e utilizaram do bom senso para não vinculá-lo as festas dos santos como expressa a entrevistada:

[...] aí o que fazer com o Sairé, vamos fazer o mastro, o barracão, mas ele vinha como o dono da festa, porque antes ele participava da festa dos santos, da padroeira, do São José, do Santo Antônio, conforme o santo fosse festejado, mas ele não era o dono da festa. Então ele tinha aquela cerimônia de caixa, do escudo, que vinha mordomos, mordomas, mas ele vinha pra complementar a festa.<sup>12</sup>

O Sairé, compreendido como rito religioso, foi vinculado ao Divino devido o ritual da ladainha. É interessante perceber como a comunidade trouxe para o cenário da festa o sagrado, e as celebrações antigas passaram a ter um significado diferente nesse processo de reestruturação do Sairé, como informa a comunitária:

[...] como o Sairé não pode ser santo, então a gente pediu uma imagem do Espírito Santo que uma pessoa tinha. O Divino foi escolhido porque batia a festa do Espírito Santo com a cerimônia do Sairé que a gente queria fazer, e dos outros santos não tinham essas cerimônias e sim do divino que é a

---

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

<sup>12</sup> Informação fornecida por Lusia dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

ladainha. Por isso que foi escolhido. Essa festa do divino era festejada nas colônias, inclusive na ilha da Santana, era uma festa muito bonita, na Recordação, ali no Tapiri, lá no Laranjal.

Nesse processo de reorganização do Sairé, ao que parece, a Igreja no primeiro momento permitiu a cerimônia da ladainha no interior da igreja, no entanto não tardou em proibi-la, conforme destaca a entrevistada: “Antes o padre ainda dava a igreja, a gente rezava e vinha pro barracão com Sairé e o santo ficava lá. Depois eles fecharam as portas, não deixaram mais a reza lá”<sup>13</sup>.

Embora o padre não permitisse que os moradores realizassem o culto da ladainha na igreja, isso não impediu que realizassem a cerimônia no barracão, construído todos os anos na praça da vila para esse fim. Portanto, o barracão ganha significado nesse contexto, visto que é um espaço de socialização da tradição, lugar de memória, assim é relevante o discurso abaixo:

O barracão era montado na praça, e aí começamos a fazer o mesmo ritual, tirar o mastro, buscar levantar na véspera da festa. E, aí, esta cerimônia a gente faz, na quinta-feira de manhã tem a levantação dos mastros. A noite, tem esta bendita reza, aí faz a procissão e os caixas acompanham. Aí, faz a procissão, roda o mastro e entra no barracão. Toda noite até domingo.<sup>14</sup>

Então, pode-se conjecturar que o Sairé ressurgiu num processo de rememoração coletiva. Este não foi revivido como antes, pois as lembranças foram construídas com representações do tempo presente, dessa forma, “[...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância. Essas imagens se alteram porque jamais seremos a mesma pessoa de ontem.” (BOSI, 1994:55).

Mas, o Sairé não é constituído apenas do ritual religioso, é festa, o profano. Os comunitários, ao repensá-lo em 1973, organizaram também a diversão baseada nas experiências passadas, por isso, as danças antigas ganharam espaço no Sairé, outras foram criadas, como a dança do lenço. São tradições recriadas que dão sentido as experiências dos comunitários, pois “[...] os elementos da ‘tradição’ podem ser reorganizados para articular as diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância”. (HALL, 2003:260).

---

<sup>13</sup> Idem

<sup>14</sup> Informação fornecida por Lusía dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

Assim, no Sairé, a diversão, o puxirum, são marcas expressivas dessa prática, consoante sugere o discurso:

A gente não tinha o que apresentar no salão para chamar a atenção do povo, além da reza. Aí, fomos buscar nossas danças que a gente dançava nas colônias, nas festas antigas e nos puxirum. Então, a gente dançava e começava pelo curimbó, que o nosso não é carimbo, nós dançávamos o lundum, desfeiteira, o marambiré, dançava marabaixo. Por sinal, a gente criou a valsa da ponta do lenço. Existia o Espanta Cão, eles eram um conjunto e ficam responsáveis por esta dança e a gente se apresentava muito bonito.<sup>15</sup>

A festa, além de diversão, possibilitava ganho financeiro, por isso havia uma organização e um controle sobre esse aspecto como informa a entrevistada: “[...] a gente colocava ordem, as casinhas eram feitas só de um jeito. Uma vez jogamos uma casa de baixo dessa mangueira, a gente trabalha meses, vem gente da cidade colocava quatro paus, tira [...]”.<sup>16</sup> Pode-se perceber que as barracas construídas na praça, destinadas à venda de produtos, pertenciam aos moradores da vila. Regras foram estabelecidas para a construção das barracas, isso era uma estratégia para manter o controle das vendas nas mãos dos comunitários.

O Sairé como festa representa para moradores o momento de comemorar e garantir ganhos financeiros através da venda de produtos, mas desde 1973 já afloravam os conflitos entre os comunitários e vendedores externos, vindos de Santarém, que disputavam espaço em Alter do Chão pela época da festa. Os moradores relembram que as danças apresentadas na vila foram criadas para animar o Sairé e não havia disputas comerciais. Portanto, o processo de reorganização do Sairé, na década de 70, ocorre no momento da instalação do sistema de iluminação, é o que informa o Jornal de Santarém. Santarém, 15 de janeiro de 1972:04:

Encontra-se em Santarém desde ontem o preclaro Fernando José Leão Guilhon, A tarde de ontem S.Exa., em companhia do Dr.Everaldo Martins, prefeito do município [...] a comitiva governamental seguirá com destino à vila de Alter do Chão, onde assistirá à inauguração do novo sistema de iluminação da vila turística.

---

<sup>15</sup> Idem

<sup>16</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

A vila de Alter do Chão já era percebida pelo poder público como ponto turístico. Por isso, além do sistema de energia, foi necessário investir na construção do cais, como aborda o jornal de Santarém, nº. 1.584, ano XXXIII, do dia 3 de fevereiro de 1973:

Após visitar Alter-do-Chão, onde tomou providencias para o início da construção do Cais de Arrimo daquela vila o Dr. Everaldo de Souza Martins, Prefeito Municipal, seguiu para a localidade de Arapemã, onde presidiu a solenidade de inauguração da Escola Municipal construída pela sua administração.

Para a construção do cais, foram estabelecidos acordos entre poder público e a comunidade, esta se responsabilizou em trabalhar na obra como contrapartida. O governo pagaria a metade do salário para os moradores envolvidos na obra, como lembra a entrevistada: “Agora reúne a comunidade e fizeram a proposta: pagar só a metade do salário; aí a metade era doada pela comunidade; aí fizeram o primeiro cais [...]”<sup>17</sup>

Ainda, em 1973, estive em Santarém e Alter do Chão o diretor da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo) para observar o potencial turístico e desenvolver projetos voltados para o turismo na região, é o que reforça o Jornal de Santarém. Santarém, 24 de março de 1973:01.

Domingo último estive em Santarém o Sr. Silva Maia, diretor da EMBRTUR ... e dois diretores do Banco internacional do Desenvolvimento, e de um técnico do Projeto Tapajós.

A visita dessas ilustres personalidades a Santarém prendeu-se ao fato de observarem os aspectos turísticos da cidade e regiões vizinhas, a fim de orientarem as atividades da Empresa Brasileira de Turismo, que pretende desenvolver o turismo em nossa cidade.

Os visitantes [...] dirigiram-se à vila de Alter-do-Chão, acompanhados do Prefeito Everaldo Martins e da Primeira Dama do Município Sra. Selma Martins.

Segundo as próprias palavras do Sr. Silva Maia, diretor da EMBRATUR, ele vai fazer o possível para nos próximos dias trazer a Alter-do-Chão o próprio presidente da empresa, a fim de que ele pessoalmente possa observar as belezas das praias e o potencial turístico da vila.

Tudo indica que na década de 70, as ações voltadas para o turismo em Santarém e Alter do Chão instigou na comunidade a necessidade de forjar alguma atividade cultural característica da vila e que possibilitasse, dentre outras coisas, uma alternativa

---

<sup>17</sup> Idem.

econômica via turismo, é o que registra o Jornal de Santarém. Santarém, 31 de março de 1973:04:

A vila de Alter-do-Chão vai viver as grandes emoções de uma grande festa, transformando-se em centro de atração daqueles que apreciam as coisas pitorescas especialmente quando elas estão associadas com a tradição e cultura do povo.

A terra dos Sardinhas vai promover no próximo mês de junho uma grande festa folclórica na qual serão revividas as tradições da Velha Tupaiulândia, guardadas na lembranças daquela gente hospitaleira e boa. De acordo com o programa, será uma semana de grandes atrações que certamente levará o povo de Santarém e de outras localidades a visitar a tradicional Vila que se prepara para transformar-se no centro de atração turística da região.

É provável que a “grande festa” mencionada no jornal seja o Sairé, relacionada à ideia de “tradição e cultura do povo”, mas destacada como produto turístico. A estrada era um dos anseios da comunidade e foi negociada junto ao poder estadual através do governador Fernando José Leão Guilhon. A abertura da estrada foi percebida como sinal de “bons tempos”, sendo mais rápido a viagem à Santarém, pois antes da estrada este acesso só era possível de barco. Este momento da abertura da estrada é fato marcante na memória da entrevistada:

[...] em abril chegou o trator. Foi uma reunião que teve aqui, o governador estava aqui [...] no dia quatro, à noite, e no dia cinco eles começaram a estrada, a levantar daqui pra lá, aí até a curva. Seringueira caia para cá, seringueira caia pra lá, aí era aquela briga, uns queriam só piçarra, não queriam asfalto [...] até que colocaram asfalto. Até o nome do trator eu lembro era Orlando.<sup>18</sup>

Ao lembrar a abertura da estrada, é comum nos relatos a imagem do trabalho na seringa, importante fonte econômica num momento difícil. A produção da seringa não supria as necessidades básicas dos moradores da vila, portando, a prática da agricultura de subsistência completava o sustento. Além disso, é comum a lembrança da vila que, na década de 70, tinha apenas duas ruas e poucas casas. Nesse sentido, é expressivo o discurso da entrevistada: “Meus pais sempre trabalharam em roça, eles eram agricultores, naquele tempo cortavam seringa, naquele tempo a seringa tinha valor [...] naquele tempo não tinha aposentadoria, trabalharam até o final”<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

<sup>19</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

A colônia e a imagem da vila constituem em espaços de convivência e sobrevivência, num momento em que as possibilidades financeiras eram poucas, e a decisão de residir permanentemente na vila estava relacionada à melhoria para os filhos através da educação escolar, como destaca o entrevistado:

Eu morava mais na colônia. A colônia era aqui próxima com o nome de São Francisco, um Igarapé que tem subindo daqui, é o primeiro ramal que tem [...] Quando eu baixei de lá, eu estava com 32 anos [...] Aí, meus filhos começaram a estudar e a mulher conseguiu esse terreno e aí viemos pra cá e até hoje estamos aqui. Só havia duas ruas, aquela e outra na margem do rio, tudo era mato, não tinha casa nenhuma. O povo daqui morava em algumas casas, moravam mais na Colônia, só desciam no dia de Sábado para passar aqui, segunda-feira subia de novo.<sup>20</sup>

Analisando o discurso, é possível imaginar Alter do Chão na década de 1970 com baixa densidade demográfica. A colônia era o local onde os moradores viviam e praticavam a agricultura de subsistência e somente nos finais de semana desciam para a vila. Relembrar o ritual do Sairé traz a tona uma trajetória do povo de Alter do Chão, que, ao buscar no passado essa prática, reelaborou sua identidade cultural. Foi o momento de compartilhar o patrimônio cultural deixado pelos antepassados, presente na memória daqueles que viveram o ritual. Nesse sentido, os moradores lançaram mão das lembranças e das experiências para forjarem a tradição, alicerçadas nas práticas católicas populares quando incluíram a cerimônia do Divino para legitimar o aspecto religioso do Sairé.

### **3. Tradição, cultura e poder.**

O ritual do Sairé pode ser analisado considerando a concepção de cultura como “teia de relações” (GEERTZ, 1989:04) que agrega significado próprio, particular. Por isso, deve ser entendido no seu contexto, pois o homem tem necessidade de construir significados para orientar sua convivência em sociedade e estes só podem ser interpretados no ambiente onde foram construídos. Desse modo, é preciso compreendê-los como um “[...] fenômeno histórico em sua singularidade, em sua unicidade [...]”. (GADAMER, 2006:19).

---

<sup>20</sup> Idem

Na compreensão dos moradores da vila, o Sairé é rito religioso, compreendido como tradicional, conforme destaca o entrevistado: “[...] o festival dos botos foi muito grande e diminuiu a participação do povo na parte religiosa do Sairé, na parte tradicional [...]”<sup>21</sup>. No discurso, se percebe a relação do tradicional ao antigo e original e, embora alguns acreditem que a tradição está desvalorizada, outros, consideram que as mudanças no Sairé não interferiram no rito religioso como enfatiza o presidente da comissão organizadora do Sairé:

[...] o público pode observar que os botos estão enfatizando muito o religioso, porque o público que vai assistir o boto não é o público que vai assistir o religioso. A música do boto tem a batida do marabaixo que é a batida do ritual religioso do Sairé. Demos um espaço na festa do Sairé pra acontecer a questão religiosa, um espaço maior, a estrutura melhor. A gente não está deixando a questão religiosa de lado, deixando ser menos.<sup>22</sup>

A tradição, tanto enfatizada pelos entrevistados, está vinculada à prática religiosa. O público que prestigia o Festival dos Botos não é o mesmo que assiste ao ritual religioso, por isso existe a preocupação em incluir na apresentação do profano (Festival dos Botos), a “[...] batida do marabaixo que é a batida do ritual religioso [...]”<sup>23</sup>. É a tradição sendo reinventada, “é pensada como um mecanismo de seleção, e mesmo de invenção, projetada em direção ao passado para legitimar o presente”. (BLANCHE, 1988 apud CANCLINI, 2006:219).

Nessa perspectiva, a tradição precisa ser re-elaborada para dar novo sentido ao Sairé, como defende Luís Alberto, “[...] porque hoje a gente não pode parar no tempo, a gente tem que estar evoluindo, conforme a necessidade da situação [...]”<sup>24</sup>. Então, a tradição deve ser entendida no contexto da cultura popular enquanto “campo de batalha”, pois, “[...] as tradições podem ser fonte simultânea de prosperidade econômica e afirmação simbólica. Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade” (CANCLINI, 2006:239).

---

<sup>21</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha de Vasconcelos, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>22</sup> Idem

<sup>23</sup> Informação fornecida por Luis Alberto Garcia de Jesus, em Caranazal, em dezembro de 2006.

<sup>24</sup> Informação fornecida por Luis Alberto Garcia de Jesus, em Caranazal, em dezembro de 2006.

Dessa forma, o passado não é anulado, dá suporte e sentido ao presente e legitimidade ao novo, não há um processo de exclusão e desvalorização do antigo frente ao novo, pelo contrário, fazem parte do processo na trama social, e em torno destes a história se movimenta mostrando a dinamicidade da cultura popular, pois “[...] a tradição não pode ser entendida sem compreender a inovação”. (BLACHE, 1988 apud CANCLINI, 2006:219). Nesse sentido, é expressivo o discurso do entrevistado: “[...] a pessoa que conhece o Sairé, vai lá na folia e vê a batida como é, esse ritmo nós pegamos pro boto, porque o ritmo que a gente fez o boto, é o ritmo do Sairé, é o ritmo da folia [...]”<sup>25</sup>.

O moderno, o novo não é sinônimo de destruição do antigo, do tradicional, pois os homens na sua luta pela sobrevivência criam maneiras de suprir suas necessidades, por isso, precisam reelaborar as estratégias de luta. O Festival dos botos entendido como moderno, o novo, introduzido no Sairé, é a novidade que trouxe mudanças expressivas, por isso, as tensões e as alianças que se formaram em torno da festa são compreensíveis, pois no contexto das produções culturais os conflitos fazem parte do processo. Nesse sentido, “[...] o novo à beira do abismo do presente, volta-se para o passado [...], para o antigo, o tradicional. Se, por um lado, recusa o antigo, tende a refugiar-se na história”. (LE GOFF, 1996:198)

Porém, os conflitos estão presentes nos momentos cruciais de mudanças e nem sempre o novo, o reelaborado, é assimilado como algo necessário, pois o campo do tradicional é tênue, tenso, onde alguns aspectos são reinterpretados, suprimidos, mas outros se mantêm, como bem expressa a entrevistada:

[...] eu não concordo que ela venha mudar os passos do curimbó, botar a música dela pra gente dançar, nós temos gente inteligente que pode criar outras letras, outras músicas do curimbó, ela vinha certa que ia mudar passos, mas no curimbó, ela não mete o bico.<sup>26</sup>

Na entrevista percebe-se a tensão diante das mudanças que seriam realizadas no curimbó, dança tradicional de Alter do Chão, criada na década de 70 para animar o Sairé. O Curimbó é semelhante ao Carimbó, porém os moradores são enfáticos em dizer que é uma dança específica da vila, é própria da comunidade: “[...] que o nosso não é

---

<sup>25</sup> Idem

<sup>26</sup> Informação fornecida por Tereza Lobato, em Alter do Chão, em dezembro de 2006.

carimbo é curimbó [...]”<sup>27</sup>. O curimbó é visto como relíquia e só pode ser modificado por pessoas da comunidade.

Nesse campo de discussão sobre tradição é relevante o debate articulado por Hall que a desmistifica de um caráter fixo e imutável, pois considera que a tradição é reelaborada de acordo com as necessidades dos sujeitos. Por isso, deve ser compreendida como um campo tenso e não é possível pensá-la como algo fechado sobre si mesma, pois “[...] as tradições não se fixam para sempre [...]” (HALL, 2003:260).

Assim, não se concebe a tradição como algo imutável, estagnado no tempo. Diante dos avanços dos sistemas de comunicação, não é concebível imaginar um lugar fechado sobre si. Não existe saber popular desvinculado das mudanças ocorridas da atualidade e não há como conceber “patrimônio popular estável”, o que existe é uma interação constante entre o erudito e o popular.

Ao analisar cultura e tradição, é relevante discutir também a compreensão de popular no contexto do Sairé. O popular é um termo bastante impreciso. Considerando o Sairé como prática da cultura popular, deve-se discutir o termo “popular”. Nesse sentido, são diversos sujeitos envolvidos direta ou indiretamente na sua realização. É comum a presença do pequeno e grande comerciante, catraieiros, barraqueiros, artistas, vendedores ambulantes, *hippies*, proprietários de hotéis, de transportes, vendedores de doces, de artesanato, do poder público. Assim, o Sairé, como prática cultural, não é exclusivo de um grupo social e “[...] é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações” (CANCLINI, 2006:221).

Para Hall, a cultura popular é um espaço de lutas, de “tensão contínua”, em que “cultura popular e cultura erudita” se inter cruzam. É o que Carlo Ginzburg (2006:10) discute em sua obra ao afirmar que “existe uma circularidade entre o popular e o erudito”, sendo que um não se sobrepõe ao outro. Portanto, não existe “[...] cultura popular íntegra, autêntica e autônoma, é preciso concebê-la numa dialética em que se estabelece uma relação de poder, de luta, entre a cultura popular e a cultura dominante” (HALL, 2003:254).

Assim sendo, não se deve pensar as mudanças ocorridas no Sairé em 1996, como perda de originalidade, pois a cultura é vista como campo de luta. “Cultura não está

---

<sup>27</sup> Informação fornecida por Lusía dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

desvinculada de poder [...]”<sup>28</sup> e quem coordena a festa tem influência e poder na comunidade. A prefeitura influencia na organização e promoção da festa, mas não tem o domínio total. É preciso antes negociar com as autoridades locais e nessa trama de poderes constituídos em torno do Sairé, vale analisar as “lutas, estratégias e táticas” dos agentes envolvidos no evento, compreendendo assim, a cultura como “forma de luta”, vinculada ao poder. É a “[...] cultura popular numa relação contínua de tensão diante da cultura dominante [...]”. (HALL, 2003: 257).

Nesse sentido, o poder não é dado, transferido e nem está centrado em um sujeito ou uma instituição, mas está disseminado entre os sujeitos sociais que ora estabelecem alianças, ora se confrontam. (FOUCAULT, 2006:174)

É relevante destacar, neste contexto, o discurso da entrevistada que participou da “reconstituição” do Sairé, em 1973, e guarda na memória a história desse momento. Na sua compreensão exerce autoridade na vila e assim, expressa de forma enfática: “[...] olha gente, nós todos somos autoridade, nós somos o dono da festa. Eu me sinto o máximo de uma autoridade. Eu me sinto uma líder comunitária [...]”<sup>29</sup> Essa noção de autoridade é entendida como poder, pois, para chegar até aos comunitários, é preciso estabelecer contato com os líderes locais. O poder se pulveriza, não se concentra na prefeitura. Moradores da vila também se impõem como autoridade. Ou seja, por mais que a prefeitura concentre parte do poder e interfira na realização da festa, isso não parece ocorrer de forma incisiva.

Assim, o Sairé deve ser interpretado dentro da lógica de tensão, da luta entre o poder local e poder público, um espaço em que se articulam alianças e se confrontam tendências políticas. Dessa forma, não é uma prática cultural desvinculada do poder, pois diversos interesses se sobrepõem em torno dessa prática cultural.

Mas, o Sairé deve ser visto muito além de uma simples oportunidade de venda de produtos. Representa o ritual religioso que se expressa na ladainha, no mastro, nos personagens<sup>30</sup>, no barracão e nos símbolos. São fragmentos, resíduos, transmitidos de geração em geração que sobreviveram ao tempo e se mantêm vivos na expressão de

---

<sup>28</sup> Informação fornecida por Laudelino Sardinha de Vasconcelos, em Alter do Chão, em setembro de 2006.

<sup>29</sup> Informação fornecida por Lusia dos Santos Lobato, em Alter do Chão, em agosto de 2006.

<sup>30</sup> Os personagens do ritual que nos referimos são: o capitão, juiz, juíza, alferes, mordomos, mordomas, saraipora, troneira.

pessoas que acreditam na tradição e na memória. São rastros do passado expressos nos rituais, nos símbolos que se readaptam e chegam até o presente, tomando como referência o passado residual que é cognoscível, passível de ser conhecido e estudado. É interessante considerar que esses resíduos do passado presentes na memória da comunidade se articulam com lugares e objetos e formam um cenário fragmentado e cabe ao historiador organizá-lo.

Salvar a memória do esquecimento é ir além do simples registro, pois esta é “[...] um instrumento e um objeto de poder” e deve ser utilizado para a “libertação, não para a dominação dos homens”. (LE GOFF, 1996:477)

O Sairé como prática cultural, constitui-se num processo de rememoração que afirmou a identidade dos comunitários de Alter do Chão, expressando sua característica peculiar e única. É a luta contra a memória massificada e forjada pela mídia que ressalta apenas um dos aspectos da Festa, o profano, relacionando-o principalmente ao festival dos botos e pouco dá ênfase ao legado cultural construído pelos moradores em tempos anteriores. Não é só uma questão de “manter” a tradição, mas de não esquecer que foi na busca de uma tradição, de uma história adormecida na memória, que os comunitários forjaram a história do Sairé da vila de Alter do Chão.

### **Considerações finais**

Desde 1996, o Sairé vem passando por mudanças significativas, principalmente quando o festival dos botos foi incluído na parte folclórica. Mediante os discursos dos sujeitos sociais apresentados nesse trabalho pode-se perceber seus dilemas diante dessas mudanças e suas percepções sobre cultura e poder. Em suas narrativas é comum também a lembrança do tempo em que o Sairé foi proibido pela Igreja e do momento em que o reorganizaram em 1973. Revivê-lo foi a forma que os comunitários encontraram para manter viva a identidade do povo da vila, compartilhando traços culturais significativos que se materializam na procissão, nos mastros, nos personagens, nos símbolos, na ladainha e nas danças.

Assim, estudar atentamente o Sairé é uma oportunidade de acompanhar de forma sistemática a trajetória dos moradores que de posse da memória reorganizaram essa prática cultural que se configurou num momento de socialização da tradição, mas

também como espaço de poder, pois as relações de força que se estabeleceram entre a igreja e os comunitários no momento em que foi proibido não significou seu esquecimento, e dado à força que essa prática tinha entre os sujeitos sociais foi possível num momento específico e oportuno retomarem o Sairé como tradição, mostrando o poder da comunidade quando tornam visível o que deveria ser lembrando.

Desse modo, a memória tem seu poder quando os sujeitos sociais se apropriam dela e de alguma forma exteriorizam como marca que deve ser lembrada. E nesse jogo de poder, os comunitários de Alter do Chão utilizaram das lembranças e reformularam suas crenças. Mesclaram símbolos católicos e profanos e marcaram sua história compartilhando a cultura, dando-a significado próprio e através dela criam e recriam mecanismos para se fazerem presente na comunidade.

## DOCUMENTOS PESQUISADOS

### Artigos de jornais:

Diretor da Embratur em Santarém. *O jornal de Santarém*, Santarém, 24 de mar. 1973. p. 01.

Governo Municipal. *O Jornal de Santarém*, Santarém, 3 de fev. 1973. p. 01.

Governador em Santarém. *O Jornal de Santarém*, Santarém, 15 jan. 1972. p. 04.

*O Jornal de Santarém*, Santarém, 31 mar. 1973. p. 02.

### Documentação oral: entrevistas:

JESUS, Luis Alberto Garcia de. As mudanças no Sairé em 1996. Caranazal: 2006. 3 CD (30 mim): digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

LOBATO, Lusía dos Santos. As mudanças no Sairé em 1996. Alter do Chão: 2006.1 CD (90 min.): gravação digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira e Daniela Rebelo Blanco.

LOBATO, Tereza. As mudanças no Sairé em 1996. Alter do Chão: 2006. 6 CD (30 mim): digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

RIBEIRO, Silvito Malaquias. As mudanças no Sairé em 1996. Alter do Chão: 2006. 5 CD (30 mim): digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

VASCONCELOS, Laudelino Sardinha de. As mudanças no Sairé em 1996. Alter do Chão: 2006. 2 CD (40 mim): digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira e Daniela Rebelo Blanco.

VASCONCELOS, Marlison Hélio. As mudanças no Sairé em 1996. Alter do Chão: 2006. 4 CD (40 mim): digital. Entrevista concedida a Cláudia Laurido Figueira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor García. 4ª. ed. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2006.

DELGADO, L.A.N. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v. 6, p. 17-25, junho. 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOFF, Jacques Le. *Memória*. In: *História e Memória*. 4ª. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PINTO, Julio Pimentel. *Os muitos tempos da memória*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, nº. 0, p. 203 - 211, novembro. 1998.

SOUSA, A.M.A. *Do Sairé ao Çairé: a trajetória de uma manifestação folclórica*, 1997. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Santarém.